

“Gradualismo ineficaz”

29 SET 1988

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

GAZETA MERCANTIL

O Brasil tem de combater decisivamente a inflação com a combinação de medidas de controle das contas do governo, que aliviem a dívida externa, uma aceleração das importações e a eliminação da indexação, em algum momento no futuro.

Esta é a visão de um alto funcionário do Banco Mundial (BIRD). Em entrevisita a repórteres brasileiros, ele deixou claro que o gradualismo no combate à inflação é pouco eficaz. “Você tem que ‘bite the bullet’”, disse ele usando uma expressão em inglês, “morder a bala”, cuja tradução livre poderia ser algo como “fazer o que tem que ser feito”.

A experiência da América Latina, em sua opinião, mostra que “se não se fechar o buraco orçamentário do setor público não se consegue resolver o proble-

ma da inflação e, se não se consegue isso, o gradualismo vai resultar numa explosão”. O Brasil “já experimentou soluções graduais antes”, sem sucesso, lembrou ele.

Ele preferiu não comentar como ou quando o Brasil poderia resolver o problema da indexação, que introduz um elemento de inércia na inflação, mas deixou claro que o básico, para o ajuste, é cortar os gastos do governo e equilibrar o orçamento. “Você tem que ser ortodoxo”, definiu.

A inflação, segundo esta fonte, provoca enormes distorções na economia e, “para combater a inflação, não há atalhos”. “Nada irá funcionar se não for controlada a inflação”, acredita ele. Um dos aspectos que mais o preocupam é o impacto da inflação sobre a crescente dívida interna, que, advertiu, poderá chegar a 100% do PIB se nada for feito. Com uma dívida

internacional de enormes proporções, o financiamento de um “gap” de recursos para o setor público, por menor que seja, acaba tendo impacto negativo e aumentando ainda mais o próprio “gap” futuro.

“O problema das finanças públicas no Brasil não é externo mas interno”, disse. Embora o Brasil tenha provado poder gerar superávits comerciais externos substanciais, enfrenta o problema interno da transferência dos recursos gerados pelo setor privado externamente para o governo, via aumento da dívida pública.

Perguntado sobre o acordo recente de US\$ 1,25 bilhão do BIRD com a Argentina, que implica a elaboração de um programa macroeconômico de médio prazo, mas possibilitou o acerto antes mesmo da existência de um acordo com o FMI, o alto funcionário do BIRD disse que um ponto central foi o papel de

sempenhado pelo presidente argentino no processo. “O presidente assumiu um papel de liderança”, lembrou ele. “Esse tipo de coisa não pode acontecer sem um envolvimento pessoal do presidente”, avaliou.

Ele acha que o Brasil está hoje com um nível “insuficiente” de importações. Acelerar o processo de importações seria importante por várias razões: para ajudar a conter a inflação a curto prazo e para introduzir maior competitividade externa na economia brasileira, ajudando a resolver o problema da estrutura de custos. Mesmo reconhecendo que o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, tem feito um “trabalho tremendo no governo para controlar o déficit e mudar a estrutura da economia”, existem esforços a serem feitos ainda na área do controle das contas públicas, de uma maior abertura externa e da indexação.

O BIRD entende que os problemas do Brasil têm origens antigas, que as reformas exigem um trabalho complexo, provavelmente com dois passos a frente e um passo atrás e que o momento é de dificuldades políticas.

(Continua na página 16)

O México pretende, no início do próximo ano, emitir papéis em troca de dívidas antigas, para negociação no mercado internacional, informou Angel Gurria Trevino, diretor-geral de Crédito Público da Secretaria da Fazenda do México. O governo pretende trocar dívida velha, com descontos, por títulos novos.

(Ver página 16)